

Amigo Wagner,

Uma alegria imensa ter estado contigo no último dia da Mostra Internacional de Teatro, ocasião em que você botou *A Boba* em cena.

Como sempre, diante de seu trabalho, sinto-me inclinado a dividir contigo minhas impressões. Sancho Pança está aí para me encorajar, quando afirma, com suas palavras: que o que a gente quer dizer, quando não diz, apodrece por dentro.

Dos seus trabalhos, *A Boba* foi o que se comunicou mais claramente comigo. Não que valorize mais este trabalho por isso. Você sabe, adoro não entender as coisas. Assisti *Christiane F.* duas vezes sem legenda, estupefato, mesmo sem compreender uma frase daquele sonoro e expressivo alemão da Berlim do começo dos anos 80.

A chave do meu entendimento girou quando me dei conta desse procedimento que, desconfio, você empregou nesse e em outros trabalhos: a saturação.

Em *A Boba*, há saturação, em primeiro lugar, pela ausência: elementos cênicos, movimentos de luz, palavras, sonoplastia, trilha sonora. Depois, pela exaustiva tentativa de deixar a boba em pé (o que acabou por me trazer à mente a lembrança do boneco João Bobo, aquele que, ao contrário da sua boba, e por isso mesmo semelhante a ela, insiste em manter a verticalidade). Na corrida em círculos que você realiza, também ocorre saturação. Você vai correndo, vai suando, se transformando, se abobando. E quando bota o quadro pra produzir vento (que coisa boa, ver você dançando): saturação.

Minha mente, cartesiana, coitada, quer saber de causas, mas também de efeitos: o que tal saturação produzirá?

Senta que lá vem impressionismo. Em mim, a saturação gerou uma sensação de iminência do milagre. Em um dado momento de seu esforço, aquele em que você sustenta o quadro com a ponta dos dedos, senti que a tela ia parar em pé. Enzo Banzo e Nath Calan me disseram que tiveram essa mesma impressão.

Não sei bem por que, mas pelo jeito meu corpo julgou possível a autossustentação do quadro, mesmo que fisicamente, pelas dimensões de sua base, isso se afigurasse impossível. Tamanho esforço, tantas tentativas acabaram por convencer minha mente que sim, isso seria possível. Vai saber.

Cheguei às raias da loucura. Considerei que o quadro fosse se equilibrar na verticalidade da parede quando você insistiu e insistiu e insistiu nessa tentativa de fixação.

Um pequeno milagre espera por nós, ao fim de cada processo de saturação. E o milagre dos milagres seria, em se tratando de uma experiência artística: a máxima expressividade.

Veja o caso da saturação pela ausência. Só o vazio radical poderia produzir aquela qualidade de metalinguagem, os refletores presentes mais pelo seu corpo físico que pelas luzes que projetam. O linóleo, os fundos do teatro, tudo aliás tão afinado visualmente

com a não menos metalinguística exposição da parte traseira do quadro da Anita. Solo de estrutura. Chassis e ferragens.

Mas o milagre da expressividade total, para mim, deu-se com a revelação da imagem da tela. Seu esforço, algo débil, insistente, saturado, fez com que o quadro se desse a perceber como um grande acontecimento plástico. Fiquei imaginando a diferença entre esse modo de revelação e aquele que experimentaria se visse a tela no museu.

A Boba nunca foi mais *A Boba* que nesse dia, por graça de seu gesto. A abobização de seus movimentos, aliás, me fez perceber as pinceladas de Anita como gestos igualmente possuídos por essa espécie de abobização. Uma coerência perturbadora. Penso que você dançou as pinceladas de Anita Malfatti.

A propósito: com o *Domínio público*, o mesmo se processou. A saturação do discurso em torno da Gioconda do Da Vinci fez com que essa tela – de todas, a mais familiar – se afigurasse como a mais estranha, a mais singular. Upgrade de expressividade mediante saturação do gesto ou do discurso. Chamaria assim esse método maravilhoso (emprego essa palavra em seu sentido mais denotativo) que você magistralmente vem adotando.

Pois é isso. Saí maravilhado da sala Cacilda Becker.

Danislau
Autor, Cantor, integrante da Banda Porcas Borboletas